

ROBERTO SCHWARZ E A DIALÉTICA DO DESLOCAMENTO NA PERIFERIA DO CAPITALISMO*

ROBERTO SCHWARZ AND THE DIALECTIC OF DISPLACEMENT ON THE PERIPHERY OF CAPITALISM

Wesley Sousa**
Valdeir Prestes***

RESUMO

Roberto Schwarz é um autor singular na interpretação da cultura brasileira. Um intelectual que se assenta ao serviço da compreensão cultural e artística – em especial a literária – de nosso país. O estilo ensaístico de Schwarz mostra seu vigor, diante tanto de adeptos quanto de seus críticos. No presente artigo, o problema está na interpretação crítica do Brasil, fundado pelo trabalho servil, pelo colonialismo e o subdesenvolvimento capitalista. Na forma ensaística do autor, temos a característica central que marca a busca do movimento de seu objeto: a inserção das ideias em um terreno social dado. No decorrer das linhas a seguir, faremos alguns apontamentos sobre as principais contribuições na crítica cultural e política no Brasil, visando reposicionar as principais ideias do autor. Os objetos de investigação, análise e crítica, seja em literatura, seja nas hordas culturais de nosso país, aparecem em nosso autor como um ponto de avanço crítico na compreensão de nosso país dentro do capitalismo: é esse legado, portanto, que um crítico e analista social pode, em simultâneo, trazer à contrapelo o passado para compreender o presente.

PALAVRAS-CHAVE: Roberto Schwarz; cultura; pensamento brasileiro.

ABSTRACT

Roberto Schwarz is a singular author in the interpretation of Brazilian culture. An intellectual who is at the service of the cultural and artistic understanding – in particular the literary – of our country. Schwarz's style of essay shows his strength, before both supporters and critics. In this article, the problem lies in the critical interpretation of Brazil, founded by slavish work, colonialism and capitalist underdevelopment. In the author's essay form, we have the central characteristic that marks the search of the movement of its object: the insertion of ideas in a given social terrain. Throughout the lines below, we will make some notes on the main contributions in cultural and political criticism in Brazil, aiming to reposition the main ideas of the author. The objects of investigation, analysis and criticism, whether in literature or in the cultural hordes of our country, appear in our author as a critical breakthrough point in understanding our country within capitalism: it is this legacy, therefore, that a critic and social analyst can at the same time, bring to the back of the past to understand the present.

KEYWORDS: Roberto Schwarz; culture; Brazilian thought.

* Artigo recebido em 08/05/2024 e aprovado para publicação em 20/06/2024.

** Doutorando em Filosofia pela UFMG. Mestre em Filosofia UFSC e graduado em Filosofia pela UFSJ. E-mail: wesleysousa666@outlook.com.

*** Doutorando em Economia (Desenvolvimento econômico) pela UNICAMP. Mestre em Geografia pela UFSC. E-mail: valdeir.prestes@posgrad.ufsc.br.

*“Deus, mesmo, se vier, que venha armado”
(Guimarães Rosa).*

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa em tela busca trazer as contribuições de um intelectual brasileiro atento aos desdobramentos históricos e, posicionando-se em torno deles, produziu inúmeros estudos, ensaios, em diversos momentos e temas, que vão da crítica literária à crise do capitalismo¹. Com isso, este no estudo que ora apresentamos, trata-se de uma retomada de algumas dessas contribuições, o que engloba questões políticas e culturais de nosso país. A intenção de voltar à letra de Schwarz, no caso de uma interpretação da cultura brasileira, efetiva-se a um intelectual que, ao contrário do comodismo, se assenta a serviço da compreensão cultural e artística – em especial a literária – de nosso país e de seus desdobramentos históricos, políticos econômicos e literários.

Com sua adesão marxista, cuja identificação da grande arte como realismo, por isso, o afastamento do mero registro fotográfico da arte e da aculturação características notáveis no proceder analítico outrora já enfatizado (Coelho, 2020)². A tradição intelectual, norteadas pelo marxismo em solo brasileiro, desde já podemos notar no autor em questão um momento particular de época, a saber, o período da ditadura militar (1964-1985) e da redemocratização pelo alto (1985-1989).

Nos escritos ensaísticos do autor é possível averiguar como o desenvolvimento formalista, fechado, o “jogo vazio de formas”, suscita o protesto enfático contra os estranhamentos das sociabilidades efetivamente configuradas – pressupostos que perpassam seus escritos (Coelho, 2020). Nesse sentido, mais do que isso, permite também a compreensão sobre o que tivemos em nossa tessitura social: uma situação que, incongruente com os “princípios” do ideário burguês europeu do Iluminismo, ajustava-se aqui ideias e formas sociais

¹ Neste artigo, dado os limites do formato expositivo das ideias, não é possível comentar todas essas produções, citamos apenas o leque de abordagens investigativas nas quais o autor desenvolveu seu trabalho intelectual. Por isso, nossa escolha remete à objetividade de um artigo.

² Henrique Coelho ao comentar o ensaio de 1979, *Pressupostos, salvo engano, de Dialética da Malandragem* – que é um comentário extenso ao ensaio “Dialética da Malandragem”, de Antônio Cândido, publicado em 1970 –, afirma: “A dialética da ordem e da desordem cria a inteligibilidade da obra, é o recurso de intensificação ou recuo (os “altos e baixos”) donde surge a integração da criação estética com a condensação (estética) do conteúdo social. Mas, percebe-se, é uma peculiaridade do ficcional, jamais uma transposição documental direta do real ao representativo, mas uma forma antropomórfica de criação literária, em que ação e tipicidade, sensibilidade e sagacidade dos autores e imprimem (ou seja, a utilização da classe de transição como trama desveladora por Manuel de Almeida)” (Coelho, 2020, p. 297).

ao modo particular brasileiro em sua forma retardatária, como se pode analisar em um de seus mais conhecidos ensaios e que adiante faremos menções mais diretas.

O autor Roberto Schwarz é parte integrante que constitui um ponto de apoio e avanço de uma afirmação interpretativa crítica de nosso país, explorando temas e momentos pelos quais vão desde o início da década de 60 aos nossos dias. Desde sua formação uspiana, orientada por Antonio Candido (desde o final dos anos 50) em diversos momentos a partir dos anos 60 (Torre, 2019; Repa, 2020), o itinerário teórico de Schwarz se mostra bastante diverso no campo do marxismo e, ao mesmo tempo, complementar na maneira de enxergar a literatura machadiana. Em seu prefácio à *Um mestre na periferia do capitalismo* (Schwarz, 2000) ele cita alguns nomes que foram importantes em sua trajetória intelectual, tais como György Lukács, Walter Benjamin, Theodor Adorno, Bertold Brecht, vale lembrar, de Antonio Candido³.

Entretanto, para melhor alinhar nossa proposta aqui e recolocar o problema do artigo em questão, os textos selecionados reúnem significativos ensaios e artigos que marcam os pontos culminantes de sua crítica no desvelamento da tessitura do “chão social” brasileiro e seus dilemas: destacamos, entre outros, o conhecido texto de *Cultura e política, 1964-1969*⁴. Noutro plano, igualmente sucinto, o recorte temático perpassa, entre outros que se direcionam neste, na noção de “ideias fora do lugar”, cujo nexos-textual remonta a um ensaio de projeção, publicado na revista *Estudos Cebrap* (1973), aglutinado ao livro *Ao vencedor as batatas* (1977). Outro texto que baliza nossa abordagem foi o artigo *A reviravolta machadiana*, publicado na revista *Novos Estudos* (2014), recolocando suas principais teses e argumentações acerca de Machado de Assis, pelo qual se constituiu o seu principal objeto de estudo e que lhe rendeu notabilidade (Ricupero, 2008)⁵.

Por fim, ao longo deste artigo, teremos a ideia de que o argumento de uma possível dialética do deslocamento, que subjaz ao pensamento de Schwarz, ou seja, o modo de entender a particularidade brasileira enquanto periferia do capitalismo, seu desenvolvimento cultural, conformações políticas e, ainda, o campo artístico⁶. Portanto, pensando aqui Schwarz como um

³ “Meu trabalho seria impensável igualmente sem a tradição – contraditória – formada por Lukács, Benjamin, Brecht e Adorno, e sem a inspiração de Marx” (Schwarz, 2000, p. 13).

⁴ Publicado originalmente no livro *O pai de família e outros estudos*, em 1978. Aqui usaremos neste ensaio a edição compilada pela Cia das Letras (2014), que contém também o ensaio intitulado *As ideias fora do lugar*.

⁵ Valendo-se dos próprios termos do autor de nossa pesquisa, o estudo acerca do romance de Machado apontava, dentro da figuração literária do escritor fluminense, o seguinte: “Trata-se da modernização do paternalismo, ecoando à distância, de dentro da anomalia do país, o avanço das igualdades formais em curso nos países-modelo. Mais especificamente, Machado ensaiava os prós e os contras de uma aliança caso a caso, por cooptação e baseada no interesse bem-compreendido das partes, entre a propriedade e os pobres que se puderam educar” (Schwarz, 2004, p. 22).

⁶ Ver Schwarz (2014).

dos pioneiros das assimilações para pensar a realidade brasileira em seus termos (Repa, 2020), pode-se vislumbrar uma ideia de que o crítico literário e sociólogo, por intermédio de suas contribuições no âmbito dos estudos acerca de Machado de Assis, da cultura brasileira durante a segunda metade do século passado. Notamos, dessa forma, não apenas sua originalidade crítica no modo ensaístico, mas a capacidade teórica de pensar nossa realidade social, constitutivamente contraditória. Em linhas gerais, nosso esforço também se ajusta à posição da reflexão crítica entre interpretação cultural do Brasil e seus “deslocamentos” da teoria crítica pensando o caso nacional.

A TEORIA CRÍTICA NO MODO ENSAÍSTICO DE SCHWARZ

O pensamento de Schwarz, por extensão, é uma assimilação direta da Teoria Crítica em seu arcabouço teórico⁷. Em outros termos, desde sua formação a partir das leituras dos clássicos do marxismo, incluindo György Lukács, Theodor Adorno, Walter Benjamin, Ernst Bloch etc. Vale reafirmar, a assimilação da teoria crítica pelo autor, um dos pioneiros nessa recepção no Brasil (Repa, 2020). As influências do modelo crítico do ensaio, ou seja, a forma não objetiva pelo qual pode se elevar o objeto à demonstração e procedimento, tem certas influências do modo adorniano da forma ensaio. Nos anos 50 na USP havia, grosso modo, dois tipos de pesquisa social, pelos quais o autor estava, de algum modo, próximo. “Enquanto o primeiro sustentava um ideal científico de sociologia, assentado no rigor metodológico e na pesquisa empírica, o segundo se caracterizava por uma concepção mais ampla e flexível da disciplina, em articulação com a crítica literária/cultural” (Querido, 2019, p. 240)⁸. Esse segundo tipo de procedimento que Schwarz, ao longo de sua trajetória, desenvolveria.

Para o presente artigo, partindo de uma seleção e alguns dos principais textos do autor visando à objetividade expositiva, remetendo-se quanto às escolhas dos textos ao decorrer do texto, convém anunciar que elas se justificam mediante nosso propósito: o problema central consiste explicitar o ponto nodular que inicia e perpassa sua produção intelectual que consiste em apreender a particularidade brasileira sob análise cultural e literariamente— nos ensaios

⁷ “Roberto Schwarz has early set some of the chief theoretical landmarks for the development of this assimilation in Brazil. There would be no mistake even in stating that Schwarz is the first Brazilian critical theorist in a strict sense: he has appropriated some of the essential lines of this tradition to create his own framework for the critical analysis of historical time both in a local and global meaning” (Repa, 2020, p. 205).

⁸ O autor remete ao modo “sociológico” de Florestan Fernandes e o segundo é sobre o modelo de “crítica cultural” de Antonio Candido. Ver artigo citado.

reunidos em seus três primeiros livros, *A sereia e o desconfiado* (1965), *O pai de família e outros estudos* (1975), *Ao vencedor as batatas* (1977) – e a continuidade investigativa do eixo político no país em *Que horas são?* (1987), em meados da década de 1980, entre outros. Será em 1990, por outro lado, é publicado seu livro mais conhecido: *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. Esse livro seria resultado de uma longa pesquisa acerca das obras tardias do escritor, sobretudo a de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Essa continuidade se adensava na segunda parte da década, em seus dois livros mais recentes, *Dois meninas* (1997) e *Sequências brasileiras* (1999). Esse último, ao ser analisado de perto, com produções que vão desde uma revista aos escritos de Antonio Candido, passando por revistas às suas próprias produções, sobre Brecht, e novas produções, influenciadas pela leitura de *O Colapso da modernização*, do alemão Robert Kurz.

Para o que nos interessa, de antemão, vejamos ser possível em que medida verificar o jargão (“as ideias fora do lugar”), aparentemente simples, até certo ponto poético, que o crítico brasileiro observa o atraso a nossa condição *sina qua non* de nossos “deslocamentos” ideológicos. Sem desviar o olhar, não para por aí: será, então, o “chão social” da vida pública, baseada na forma de trabalho escrava de época (arcaísmo), e importando os “ideais liberais” (modernizadoras), redundou-se neste “corpo estranho” à nossa “nacionalidade” em formação. A adversativa do autor era de que “Conhecer o Brasil era saber destes deslocamentos, vividos e praticados por todos como uma espécie de fatalidade, para os quais, entretanto, não havia nome, pois a utilização imprópria dos nomes era sua natureza” (Schwarz, 2014, p. 60).

Segundo a perspectiva do autor, a investigação do sentido de “formação” brasileira, sobretudo a literatura já formada em um país “malformado”. Seus estudos críticos sobre a obra machadiana permitiram-lhe novas vistas dessa formação. Argumentação que, ao observarmos seu ensaio *As ideias fora do lugar*, por exemplo, esse nexos constitutivo entre “liberalismo” e “escravidão” no Brasil serviu de ponto catalisador às suas pesquisas no âmbito da crítica literária e cultural, sob auspícios da obra de Machado de Assis e as influências da teoria – uspiana – da dependência no Brasil. No prefácio do livro *Um mestre na periferia do capitalismo*, sugere:

O dispositivo literário capta e dramatiza a estrutura do país, transformada em regra da escrita. E com efeito, a prosa narrativa machadiana é das raríssimas que pelo seu mero movimento constituem um espetáculo histórico-social complexo, do mais alto interesse, importando pouco o assunto de primeiro plano (Schwarz, 2000, p. 11).

Essa premissa colocada pelo nosso autor, segundo Luiz Repa, nos aponta que “Esta unidade incomum entre Dialética do Esclarecimento e a Teoria da Dependência também pode explicar porque o nível antropológico da relação entre mito e razão não desempenha nenhum papel nos esquemas de Schwarz ou porque a dialética do não idêntico não tem lugar lá” (Repa, 2020, p. 222, tradução nossa). Em outros vocábulos, não bastava apenas uma “importação” da teoria crítica, nem tampouco fazer uma adaptação dela a nosso cenário social de modo abrupto. Diferente disso, a proximidade do crítico com as teorias “europeias” eram apenas um modelo crítico, não como norma, porém como um momento “negativo” da teoria que se expressava no solo brasileiro: incorporação específica da teoria em nosso solo a partir de nossos problemas profundos. Esse pressuposto, então, perpassa ao longo da obra de Schwarz.

No seu livro, publicado em 1999, intitulado *Sequências Brasileiras*, Schwarz explicitou no seu ensaio sobre Antonio Candido, *Adequação nacional e originalidade crítica*, enquanto enfatiza de modo aberto que o trabalho original da crítica literária de Candido estaria na exploração das especificidades locais (Schwarz, 1999, p. 25). No entanto, o entendimento do intérprete ao mestre, surge a afirmativa, porém, de que é precisamente essa sua característica que lhe confere uma capacidade de constatar a questão de maneira supranacional. Aqui é notável a influência lukácsiana acerca do naturalismo (Coelho, 2020): a tese de que esse naturalismo seria uma espécie não de realismo (um movimento, uma processualidade), mas de uma “imagem” estanque do real. Vejamos como Schwarz interpreta a crítica de Candido ao romance *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo:

Só por ufanismo ou irreflexão alguém dirá que a eventual superioridade de um artista latino-americano sobre o seu exemplo europeu indica paridade cultural das áreas respectivas, por aí ocultando as desigualdades e sujeições que teriam de ser o nosso assunto por excelência. É um bom resultado da *déconstruction*, além de uma alegria, saber que os latino-americanos não estamos metafisicamente fadados à inferioridade da imitação, já que também os europeus imitiam (aí a relativização da originalidade). Mas seria mais cegueira não enxergar que a inovação não se distribui por igual sobre o planeta, e que se as causas dessa desigualdade não são metafísicas, talvez sejam outras. Além de esforço civilizatório, merecedor de aplauso, a utilização de um modelo com pressupostos sociais europeus era uma cópia sim, na acepção pejorativa, enquanto ele não fosse reciclado conforme as condições locais, quando então se livrava da feição postiça, ou melhor, quando superava a inadequação entre a cultura contemporânea e as condições do lugar (Schwarz, 1999, p. 26-27, grifos do autor).

O que estamos a defender com isso? Ora, partimos da ideia de que se aceitarmos a sugestão dessa análise por parte do autor, qual seja, de pensar não apenas o “lugar social” de uma determinada sociedade, mas – reafirmando – “também o lugar geopolítico, por assim dizer,

em meio ao desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo”. Logo, veremos que a “condição periférica exige um esforço reflexivo redobrado, o que permite, por outro lado, afinar a reflexão sobre os vínculos entre crítica e realidade” (Querido, 2019, p. 247).

Importa notabilizar também que as reflexões de Schwarz marcam um princípio de debates que a intelectualidade brasileira perpassaria em alguma medida (Repa, 2020). Pode-se objetar, em certo sentido com alguma razão, uma ausência de atenção mais detida a alguns romancistas, tais como de Drummond, Rosa etc. Por outro lado, pode-se dizer que, entretanto, a intelectualidade crítica do ensaísta é marcada por “movimento” que visa resgatar o legado machadiano para satirizar a cambaleante república, ainda mais nos anos da repressão. Esse deslocamento das relações entre o moderno e o arcaico na formação brasileira, deu a capacidade necessária para que Schwarz visualizasse na obra de Machado um momento de “formação” da literatura brasileira.

Em outra direção, ainda estávamos diante de uma “paradoxal” formação nacional⁹. No ensaio citado sobre as ideias “deslocadas” (ou de “segundo grau”), a questão adentrada é a “novidade no caso não está no caráter ornamental de saber e cultura, que é da tradição colonial e ibérica; está na dissonância propriamente incrível que ocasionam o saber e a cultura de tipo ‘moderno’ quando postos neste contexto” (Schwarz, 2014, p. 54). Em outros termos: a questão do realismo que está pressuposto em Schwarz é independente de mudanças de ordem social? A questão não é simples. Percebemos, contudo, que a intenção do autor seria não traçar cronologicamente uma ideia desse deslocamento brasileiro, mas de tencionar sua composição histórica, nem uma observação artística em nosso país de modo esquemático. A perspectiva histórica não é igual a perspectiva lógica da cronologia. Por isso, o que está em jogo é a sua composição organizada (ou sua desorganização) do Brasil “formado”.

Com isso, podemos argumentar que Schwarz, por um lado, não cede a um universalismo abstrato, o que seria uma espécie de cosmopolitismo inexistente no pensamento brasileiro – ou um desejo “estrangeirado” –, bem como, por outro lado, não cederá ao provincianismo ou “localismo” aparente. A interpretação do autor no estudo de Candido sobre o romance brasileiro fornece esse entendimento. E, dado o espaço, será nosso objetivo entendimento da situação brasileira que perpassa seus ensaios, cada qual a seu modo, referentes aos escritos de *As ideias*

⁹ Argumenta Bernardo Ricupero que “a formação da literatura brasileira se completa em Machado não só devido ao estabelecimento de um sistema literário no período em que o autor é ativo, mas também, em grande parte, em razão da sua capacidade de internalizar na sua obra as condições de uma determinada sociedade, ironicamente, malformada” (Ricupero, 2008, p. 67).

fora do lugar e o *Cultura e Política, 1964-1969*. Em ambos ensaios, por exemplo, datados do período da ditadura militar, nos quais direcionam-se ao modo como a investigação de Schwarz auxilia, além disso, a captar a especificidade das ideologias no Brasil, seus deslocamentos e entraves no nosso tempo presente, embora muito debatido, seus argumentos se mostram assertivos.

PENSAR O BRASIL E PENSAR SEUS DESLOCAMENTOS

Pensar o Brasil foi uma tarefa a que se dedicaram vários autores e intérpretes: Caio Prado Jr., Chico Oliveira, Nelson Sodré, José Chasin, Florestan Fernandes etc. A lista não é pequena. Interessa-nos, todavia, o crítico literário ao perceber de modo perspicaz que se antes olhando as contradi es sociais pelas lentes dos “de baixo”, agora as vendo pelas lentes dos “de cima”, as personagens narradoras, ora observadoras, ora partícipes da “compreensão entre classes”, o crítico v  em Machado de Assis, especialmente o de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, essa “reviravolta” que faz o escritor captar as minúcias, os melindres, das classes dominantes da época do Brasil pós-aboli o e caminhando   passagem conservadora da monarquia   república. Em suas palavras:

Até as Memórias póstumas de Brás Cubas — a obra da viravolta machadiana — o romance brasileiro era narrado por um compatriota digno de aplauso, a quem a beleza de nossas praias e florestas, a graça das mocinhas e dos costumes populares, sem esquecer os progressos estupendos do Rio de Janeiro, desatavam a fala. Além de artista, a pessoa que direta ou indiretamente gabava o país era um aliado na campanha cívica pela identidade e a cultura nacionais. Já o narrador das Memórias póstumas é outro tipo: desprovido de credibilidade (uma vez que se apresenta na impossível condi o de defunto), Brás Cubas   acintoso, parcial, intrometido, de uma inconstância absurda, dado a mistifica es e insinua es indignas, capaz de baixeiras contra as personagens e o leitor, além de ser notavelmente culto — uma espécie de padrão de elegância — e escrever a melhor prosa da praça. A disparidade interna   desconcertante, problemática em alto grau, compondo uma figura inadequada ao acordo nacional precedente (Schwarz, 2004, p. 17-18).

Com essa premissa, o nódulo que perpassa os ensaios iniciais remete-se a Machado de Assis, não se limitando a uma exegese literária, mas compreendendo o desenvolvimento crítico do artista em seu tempo. Segundo a perspectiva de Schwarz, no seu artigo *A reviravolta machadiana*, em que recoloca em cena a “mudança de perspectiva” do escritor para analisar o “sistema de ambiguidades assim ligadas ao delírio burguês”, outrora explorado em *As ideias*

fora do lugar (Schwarz, 2014)¹⁰. De início, segundo o autor, a justificativa do ensaio era perceber tais deslocamentos ideológicos na matéria concreta do Brasil de época. Nesse contexto, o percurso do autor era de entender a “colocação” do Brasil na geopolítica que se insere:

Procurei ver na gravitação das ideias um movimento que nos singularizava. Partimos da observação comum, quase uma sensação de que no Brasil as ideias estavam fora de centro, em relação ao seu uso europeu. E apresentamos uma explicação histórica para esse deslocamento, que envolvia as relações de produção e de parasitismo no país, e nossa dependência econômica e seu par, a hegemonia intelectual na Europa, revolucionada pelo capital (Schwarz, 2014, p. 63).

Em *A reviravolta machadiana*, noutro pólo, o autor acena que esse “quiproquó das ideias” se alinha de tal maneira que “o progresso consistiria na autorreforma dos proprietários, convertidos à atitude esclarecida graças à pressão civilizadora de um dependente cheio de méritos, embora sem nada de seu”. Com isso, ver-se-ia um resultado que apareceria, em resumo, um percurso possível de superação de nossas infelicidades sociais, ou de *Aufklärung* pela metade (Schwarz, 2004, p. 23).

De modo sumário, pode-se pensar que as linhas-mestras foram a de reposicionar a questão da própria inserção Brasil na sua formação e desenvolvimento (com entraves e incompletudes) à moda “modernizadora” de um país, cujas ideias liberais estiveram “fora do lugar”. Em outros termos, as ideologias esclarecidas e de progresso na Europa, aqui se tornaram ideologias de “segundo grau”. Tudo isso, sem nos alongar demasiadamente, mostra-nos que essa “dialética do deslocamento” consistiria em não apenas trazer análises da nossa cultura, cada qual em seu contexto, partindo das experiências históricas, mas apontar que no contexto do golpe militar de 1964, uma espécie de “tampa de chaleira” nas agitações reformistas das mobilizações de base em torno de Jango entre 1962 a 64. Vejamos: Schwarz reconhece ali, outrossim, essa situação determinante – talvez não apenas circunstancial – para reafirmar o caráter atrofico e reacionário da tessitura ideológica brasileira¹¹.

¹⁰O diagnóstico de Alfredo Bosi se coaduna com o de Schwarz, a despeito de alguma sofisticação de Bosi a partir das ideias de Schwarz: “O transplante de uma ideologia do seu nascedouro para os países emergentes do pacto colonial fez-se em momentos de crise da formação social receptora. Situações desequilibradas propiciam condições para que os grupos sociais diretamente envolvidos na crise busquem soluções já comprovadas nos países tidos por mais civilizados. Quando há interesses em jogo de ambos os lados, a adoção é rápida e o processo de persuasão, fulminante” (Bosi, 1995, p. 284).

¹¹ Recentemente, Safatle relembrou permear “um horizonte histórico de pactos sociais, de acordo frágil, mas sonhado entre burguesia nacional e classes subalternas em conquista gradual de voz política” (Safatle, 2019, p. 279). O resultado, contudo, sabemos como foi.

No entanto, o ensaio *Cultura e política, 1964-1969*, publicado no livro *O pai de família e outros estudos*, mostra uma análise conjuntural, política e cultural do Brasil no período destacado. Segundo o autor, o “povo, na ocasião, mobilizado, mas sem armas e organização própria, assistiu passivamente à troca de governos” (Schwarz, 2014, p. 8). No âmbito das artes, até o AI-5 em dezembro de 1968, pela qual emergia-se uma repressão cada vez mais endurecida pelos militares, mediante sicários do imperialismo e os apologistas do capitalismo, a questão era mais mediada. Nesse sentido, paradoxalmente, o autor argumenta também que “a intelectualidade de esquerda foi estudando, ensinando, editando, filmando, falando, etc., e sem perceber contribuíra para a criação, no interior da pequena burguesia, de uma geração maciçamente anticapitalista” (Schwarz, 2014, p. 9). Embora restrita a nichos específicos, a produção cultural no Brasil não cessou, a despeito das censuras impostas, haviam modos e tipos de fazer burlá-la, até 68.

Portanto, o pressuposto se evidencia, segundo aqui pensamos, neste modelo crítico, que é o de repensar nossa figuração cultural e política no contexto, bem como a sua inserção no capitalismo mundanizado, não bastando apenas intencionalidades que ignorem elementos que estão na nossa tessitura social – sejam eles quais forem: o aristocratismo moral (domínio policialesco), a servidão escravista (racismo), as “transições pelo alto” das classes dirigentes (golpes de Estado e a repressão política). E, mais do que isso, a maneira paternalista do envolvimento político no final do séc. XIX: todos elementos que estão no horizonte interpretativo de Schwarz. Relembrando o romance de “passagem” para a fase *realista* do Machado de Assis – as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, seu primeiro grande livro, escrito em 1880 –, o crítico mostra e dá relevo a astúcia machadiana, desta vez, na desconfiança de Machado diante da situação cambaleante que ali se tinha: “A moralização do mando patriarcal pelo valor das moças sem nascimento apostava as suas fichas, sucessivamente, na franqueza confiante, na ambição calculista, mas civilizadora, na pureza cristã e na severidade sem ilusões” (Schwarz, 2004, p. 25).

Os objetos de investigação, análise e crítica, seja em literatura, seja nas hordas culturais de nosso país, aparecem em nosso autor como um ponto de avanço crítico na compreensão de nosso país dentro do capitalismo: é esse legado, portanto, que um crítico e analista social pode, em simultâneo, trazer à contrapelo o passado para compreender o presente. A obra de Schwarz fornece, de modo direto, às novas gerações, o pensar e repensar, entre outras coisas, do papel da democracia burguesa. O liberalismo, ao contrário de uma idealização constitutiva no âmbito europeu, assume no Brasil como elemento partícipe das nossas “ideias fora do lugar”.

Assim, a pedra de toque do progresso estaria no respeito dos proprietários pelos dependentes, diverso da mera importação das novidades da civilização burguesa. A melhora moral do paternalismo faria as vezes saneadoras do trabalho livre e da lei igual para todos — uma esperança pia, que afinava com a situação sem base material dos pobres, ao mesmo tempo que destoava do egoísmo liberal, comandado pelo alinhamento com as mercadorias e as idéias em voga lá fora (Schwarz, 2004, p. 24).

No ensaio *Cultura e política, 1964-1969*, nota-se que os momentos variados de análises que passam por uma primazia do realismo artístico (no teatro, música, cinema e na literatura). Se no *As ideias fora do lugar* havia um espaço amplo para a literatura, no ensaio *Cultura e Política, 1964-1969* o leque se ampliava. O que parece ser mais sugestivo para nós é que ambos ensaios evidenciam pontos não de incursões internas do autor, mas de certa complementaridade entre um e outro. Esse complemento, na leitura do ensaio *Cultura e Política*, aponta que para o trabalho do crítico literário, requer assimilar a necessidade de também ater-nos às expressões, outrora não mencionadas de modo direto, teatrais, musicais e cinematográficas, que pouco a pouco vão aparecendo ali¹².

Dentro da perspectiva do autor, é importante ressaltar que a ditadura militar fez escancarar as fissuras do país por via da repressão, perseguição daqueles e daquelas que, de algum modo, adquiriam uma cultura anticapitalista – sejam militando diretamente ou na absorção dos vernáculos. É sintomático que os argumentos de Schwarz apontem as circunstâncias objetivas do país puseram muitas pessoas, de “uma fração da intelectualidade contrária a ditadura, ao imperialismo e ao capital [...] dedicar-se a revolução, e a parte restante, sem mudar de opinião, fecha a boca, trabalha, luta em esfera restrita e espera por tempos melhores” (Schwarz, 2014, p. 44). A percepção do autor é bastante elucidativa. Concluindo, o diagnóstico do crítico se assenta do seguinte modo:

Agora, o Estado burguês [...] cancela as próprias liberdades civis, que são o elemento vital de sua cultura, esta vê nas forças que tentam derrubá-lo a sua esperança. Em decorrência, a produção cultural submete ao infravermelho da luta de classes, cujo resultado não é lisonjeiro. A cultura é aliada natural da revolução, mas esta não será feita para ela e muito menos para os intelectuais (Schwarz, 2014, p. 45-46).

¹² Interessante notar que foi Iná Camargo Costa quem colocou em relevo a questão no estudo sobre o teatro em *A hora do teatro épico no Brasil*: “O primeiro passo do Teatro de Arena de São Paulo foi *Arena conta Zumbi*, produzindo uma espécie de paradoxo que procuramos reconstituir: a pretexto de contar a história de um dos nossos mais importantes processos de luta pela liberdade, *Zumbi* evitou justamente os episódios da luta propriamente dita, restringindo-se a encenar o seu capítulo final, em que são dizimados os que queria ‘apenas’ a liberdade, em evidente contradição com o 1º de abril de 1964” (Costa, 2016, p. 136).

Novamente, o ensaio *As ideias fora do lugar*, o autor chama a atenção também que partira da “observação comum, quase uma sensação, de que no Brasil as ideias estavam fora de centro em relação ao seu uso europeu” (Schwarz, 2014, p. 63). Os efeitos e suas recepções são passíveis de alinhamentos, críticas e reformulações. A tradição crítica no Brasil em que se coloca o marxismo (e aqui Schwarz se insere), embora ampla, tem agora novos desafios postos. Posterior a 1985, com as pressões das *Diretas Já*, com a chamada *Constituição Cidadã* (1988), os entulhos mais abertos foram colocados de lado, enquanto o bueiro do chorume aristocrático e reacionário ainda fedia.

É preciso dizer aqui que, olhando nosso tempo atual, em nossos dias, que os usos, abusos e desusos das ideologias, sobretudo do liberalismo tardio, não de um modo unitário, porém aponta seus “deslocamentos” de modo aberto em nosso “capitalismo atrasado”. Ainda hoje não temos os “perigos” do comunismo— que nos “assombrava” (seja lá o que signifique *isso*) —, um bode expiatório que as classes dominantes no Brasil, com toda sua virulência e violência advogariam. A questão, no entanto, de mostrar como Schwarz, partindo das linhas de Cândido, reverbera a introdução de uma maneira dialética (de talhe marxista), para a compreensão da cultura nacional, inclusive seus entraves ideológicos, como se pode notabilizar.

No atual contexto que inseridos estamos, se apresentam as mais diversas apreciações imediatas e rasas apreensão dos nexos culturais e da gênese estrutural do capitalismo periférico, cujas afeições imediatas ao problema jogaram à espreita da própria conformação e a modernização conservadora/reacionária do Brasil. Com isso, a condição periférica exige um esforço de reflexão nas instâncias da vida social no Brasil, ou seja, sua gênese e função no mosaico das ideologias e das formas econômicas vigentes; o que permitirá, por outro lado, avançar e colocar as questões de nosso tempo em seus próprios termos: a reflexão sobre os vínculos entre crítica e a realidade que reverbera no campo da arte e da cultura, como momentos de uma reprodução social (as formas ideológicas superiores)¹³.

Fica mais claro e objetivo o suspiro de lucidez ao retomar a historicidade crítica de nosso país para encarar nossos desafios presentes (basta pensar na “indústria cultural”, em várias plataformas digitais, por exemplo, que repõem o “entretenimento” às formas de reprodução capitalista e a ilusão do “tempo livre”) e estão adequadas às contribuições literárias, culturais e políticas a serem pensadas criticamente hoje. Para Schwarz, todavia, Machado de Assis mostrou

¹³ “O desencontro entre ideias e lugar estimularia, portanto, tanto resultados cômicos como uma perspectiva crítica. Num outro registro, se entenderia por que Machado de Assis seria um ‘mestre na periferia do capitalismo’” (Ricupero, 2013, p. 529).

a “face social da forma” brasileira na literatura. No aspecto da cultura, no Brasil, o que pareceu ter mudado na aparência, sabemos, manteve-se a essência social superficial, o que dá o conteúdo real das manifestações objetivadas. Presentemente, esse é o panorama existente. Agora, nos resta a questão provocadora: seria substancial, em nosso contexto, que o *estrange model* da nossa frágil e remota democracia – que se apresenta constrangida – seja um tipo “ideia fora do lugar” nesse enredo que vivemos?

Para aclarar a questão, será no importante texto intitulado *Discutindo com Alfredo Bosi*, uma produção teórica referente a um comentário ao livro de Bosi (*História concisa da literatura brasileira*), que Schwarz elabora um diagnóstico – já anunciado suas premissas anteriormente nos textos mencionados aqui no nosso artigo – sobre a condição de inserção do Brasil e de seu estatuto no capitalismo contemporâneo. Vale mencioná-lo aqui:

Ou seja, decorrido mais de meio século de industrialização capitalista, que transformou tudo, não se completou e não integrou a nação, a pergunta atual já não diz respeito ao modo certo de incorporar a herança colonial, mas sim ao que efetivamente veio a ser. [...] A locomotiva do progresso partiu, a modernidade assumiu forma não canônicas, o país continua inconfundível, longe da temida descaracterização, e, entretanto, as expectativas de progresso social ligadas a estas evoluções fizeram água. [...] Assim, a oposição entre a estreiteza do racionalismo de elite e a humanidade da devoção popular não esclarece o emaranhado contemporâneo e não ajuda a tomar posição crítica diante dele, que precisava ser visto no seu movimento, ainda que este desconcerte (SCHWARZ, 1999, p. 70).

Nesse parágrafo, significativo para nós, mostra uma situação que não se trata mais do que poderia ter sido, mas do que efetivamente se “formou” nosso país – e agora o que restou – dentro do sistema mundanizado do capitalismo, nos conflitos internos entre as classes, na herança escravocrata, na aristocracia política e nas oligarquias econômicas, marcam nossa história não como certas imprecisões da República, mas como uma República existente.

Por outro lado, caberia ao escritor, no entanto, fazer de sua produção uma elevação no impulso crítico, sua situação diante do modo produtivo, reaver o estado de coisas na liberdade criativa ligada à literatura — neste caso, da crônica social e na forma satírica da realidade —, fazendo-o engrandecer e dar forma à sua matéria literária, não à propaganda pura e simples, mas de mostrar a especificidade dela diante da realidade e como ambos são aliados ao proletariado na derrubada revolucionária da forma-capital.

De certo modo, a tese, contida e primeiramente exposta no ensaio de W. Benjamin – *O autor como produtor* –, que traz consigo uma boa indicação do problema e que foi trabalhada por Schwarz ao se referir aos escritos de Machado de Assis: “Quanto mais ele [o artista ou

escritor] for capaz de adequar sua atividade em relação a essa tarefa, mais correta estará a tendência, maior também será, necessariamente, a qualidade técnica de seu trabalho” (Benjamin, 2017, p. 99). Nesse feito, Schwarz comenta que, dado conteúdo social que o escritor possa trabalhar, a partir disso é possível verificar a profundidade crítica expressada no conteúdo literário:

A desenvoltura intelectual do narrador, em desproporção com o mundo acanhado de suas personagens, funciona como um meio de lhes compensar o isolamento histórico. Por obra dela, situações com feição pitoresca ou meio colonial são entretecidas com anedotas da tradição clássica, argumentos de filosofia, dogmas religiosos, máximas da ordem burguesa, paradoxais ou cínicas, modas européias recentes, novidades científicas, notícias da corrida imperialista etc., *compondo uma mistura e uma fala peculiares*, que vieram a ser a marca registrada do Autor (Schwarz, 2004, p. 20, grifos do autor).

Assim, na indicação que se pode extrair das palavras de nosso crítico literário, ao se analisar a obra de Machado, vê-se que função do crítico, historiador, cientista social e do filósofo, etc. consiste, entre outros elementos, captar suas particularidades sociais no mesmo terreno social que se desenvolveu nossa cultura e nossas relações mercantis (seja na estética, seja na política, etc.). Com isso, o deslocamento mostra-nos uma segunda coisa – agora a mais importante: a procura abstrata por parte da esquerda no plano institucional de um passado que não existiu, qual seja, de um país “democrático”, “independente” e “progressista”, não seria mais do que simples idealismo imediato que ignora a nossa história –isso não seria, por fim, um novo tipo de “ideias fora do lugar”?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse pequeno artigo, nossa pesquisa explora a ideia da interpretação crítica do Brasil, analisando sua cultura e a política, a partir da perspectiva de Roberto Schwarz. Outro ponto a ser destacado, durante o percurso do artigo, procuramos mostrar como o pensamento de Schwarz, com suas influências externas soube absorver para um modelo crítico no Brasil, por meio da literatura machadiana, ao compreender a nossa formação social (política e ideologicamente). Em consequência, os ensaios datados do período da ditadura militar, pelos quais direciona-se o modo como a crítica cultural schwarziana, permitiu captar a especificidade das ideologias no Brasil, seus deslocamentos e entraves. Pode-se notar as influências de Theodor Adorno e de György Lukács em seu pensamento. Essas influências conduzem às

incorporações teóricas não de modo direto, mas percebendo um deslocamento na matéria social brasileira em seu conjunto¹⁴.

Como fizemos notabilizar, o intento de fundo que ressalta ao longo do texto, ao repassarmos os ensaios referidos (*As ideias fora do lugar, Cultura e política, 1964-1969*, o artigo *A reviravolta machadiana*), assim como outros referenciais ensaísticos (por exemplo, *Adequação nacional e originalidade crítica*) etc., respeitando todas outras contribuições que se teve concernentes às análises de seu pensamento, de explorar que noção de “deslocamento”, cujo bojo é o que ele chamou de “ideias fora do lugar” ao analisar a matéria social brasileira. Essa noção, ainda que não expressa diretamente em suas palavras, pode se fazer valer a partir de análises subsequentes a seus escritos, não como conceito, mas um movimento próprio do objeto.

No artigo, dentro de nossos limites e esforços empregados, não seria legítimo considerarmos que o autor caiu em uma espécie de “localismo”, assim como não é necessário defender um “cosmopolitismo” teórico para justificar a hipótese. Percebemos, noutra via, que falar em um pensamento brasileiro é a justificativa de pensar criticamente a nossa formação social, adstrita à subordinação ao capitalismo imperialista, com suas especificidades literárias, políticas e culturais que aqui emergiram.

Defendemos, enfim, no presente artigo que as contribuições de Roberto Schwarz podem ser um ensejo crítico para questões ainda importantes ao nosso tempo: a questão da posição objetiva do Brasil e suas ideologias, bem como suas características culturais e políticas. Embora suas ideias tenham sido debatidas, criticadas, “ajustadas” etc. (Ricupero, 2013), revelam elas, de algum modo, o essencial do problema discutido ao longo de nossa pesquisa: dizer não haver um pensamento crítico brasileiro, ou não se produzir um pensamento do entendimento nacional, ou ainda, uma crítica à própria formação desta, será desconsiderar peremptoriamente, o produzido até então.

Fica demonstrado, nesse sentido, que na análise crítica de nosso país, a sua inserção no capitalismo de hoje, já mundanizado, ou seja, sob jugo do capitalismo imperialista, cuja forma retardatária que factualmente vigora, faz da particularidade e da virulência que o capital

¹⁴ Bosi (1995, p. 277) ao comentar essa questão das influências teórica na cultura brasileira – pela qual podemos colocar Schwarz como influenciado –, observa: “As consequências da teoria crítica no plano dos valores e do gosto artístico foram drásticas. Em vez da apologia do realismo dito socialista, começou-se a reivindicar a fecundidade do imaginário surrealista e da linguagem expressionista (penso nas preferências estéticas de Benjamin); Adorno, por sua vez, fez a apologia da nova música atonal, contrapondo-a politicamente à música digestiva espalhada pela indústria cultural e pela rotina das salas de concerto. Arte não mais espelho da sociedade, mas arte *versus* sociedade: arte enquanto crítica”.

consolidou. Ao mesmo tempo, repõe maneiras de solapar a quaisquer rupturas sociais progressistas, de pequenas tentativas de reformas de base (a exemplo da caduca reforma agrária) que possam se efetivar na periferia enquanto sonhos distantes de entrar no chamado *primeiro mundo*. Faz-se notório, por outro lado, também que a reprodução das ideias “importadas” constitui parte fundamental da reprodução de capital, cuja subsunção formal e direta na divisão internacional do trabalho interfere no nosso modo de pensar e experienciara vida social em nossa terra, em nosso subdesenvolvimento perene.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O autor como produtor. *In: Ensaios sobre Brecht*. Tradução de Claudia Abeling. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

BOSI, Alfredo. Formações ideológicas na cultura brasileira. São Paulo, **Estudos Avançados**, ano 9, n. 25, 1995, p. 275-293.

COELHO, Henrique. Roberto Schwarz e GyörgyLukács: uma aproximação dialética. Rio das Ostras - RJ/Belo Horizonte, **Verinotio**, v. 26, n. 1, p. 278-300, jan./jun. 2020.

COSTA, Iná Camargo. **A hora do teatro épico no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

QUERIDO, Fábio. Nacional por negação: ensaio e ‘crítica independente’ no último Roberto Schwarz. Brasil, **Estudos Brasileiros**, n. 74, p. 233-249, p. 2019.

REPA, Luiz. Roberto Schwarz and the Brazilian Dialectic of Enlightenment: On the Reception of Critical Theory in Brazil. Campinas-SP. **Dissonância: Revista de Teoria Crítica**, v. 4, 2020, p. 203–230.

RICUPERO, Bernardo. Da formação às formas. Ainda as ‘ideias fora do lugar’. São Paulo, **Lua Nova**, n. 73, p. 189-197, 2008.

RICUPERO, Bernardo. O lugar das ideias: Roberto Schwarz e seus críticos. Rio de Janeiro, **Sociologia & Antropologia**, v. 03, ano 06, p. 525-556, 2013.

SAFATLE, Vladimir. A dialética do romance nacional: retorno ao debate Roberto Schwarz/Bento Prado Jr. *In: SAFATLE, Vladimir. Dar corpo ao impossível: o sentido da dialética a partir de Theodor Adorno*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 273-297.

SCHWARZ, Roberto. Adequação nacional e originalidade crítica. *In: Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 24-45.

SCHWARZ, Roberto. A reviravolta machadiana. São Paulo, **Novos Estudos**, n. 69, p. 15-34, 2004.

SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar. *In: As ideias fora do lugar: ensaios selecionados*. São Paulo: Cia das Letras, 2014, p. 47-64.

SCHWARZ, Roberto. Cultura e política, 1964-1969. *In: As ideias fora do lugar: ensaios selecionados*. São Paulo: Cia das Letras, 2014, p. 1-46.

SCHWARZ, Roberto. Discutindo com Alfredo Bosi. *In: Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 61-85.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades/34, 2000.

TORRE, Bruna Della. Modelos críticos: Antonio Candido e Roberto Schwarz lêem Oswald de Andrade. Brasil, **Estudos Brasileiros**, n. 74, p. 178-196, 2019.